

Departamento de Cinema da
Escola de Comunicações Culturais da
Universidade de São Paulo
apresenta:

A JOÃO GUIMARÃES ROSA

Coordenação - Roberto Santos

Produção executiva - Livio Norbert Spiegler

Rua de Antbada

Música - Chico de Moraes

Gravadora - Sonotec

Montagem - Charles Fernand Mendes de Almeida

Son - Vera Cruz

Câmera - Reynaldo Barbirato

Estúdios - Documental

Laboratório - Lider Cinematográfica

Imagens Fotográficas - Maureen Bisilliat

Direção de filmagens - Marcello G. Tassara

PRÊMIOS - 1º prêmio de curta-metragem, no Festival Norte do Cinema
Brasileiro, em Manaus - outubro de 1969

menção honrosa - Filme experimental - 1º Festival de
Cinema de São Carlos - novembro de 1969

A Filmagem de A GUIMARÃES ROSA

Quem se dedica, no Brasil, ao cinema de animação vê-se, constantemente, assediado por tantos obstáculos e envoltos em tantas dificuldades que cada nova tarefa se lhe apresenta como um verdadeiro desafio. O filme "A JOÃO GUIMARÃES ROSA" teve que ser abordado, inicialmente, desta maneira: a um só tempo um grande desafio e uma ocasião singular para aferir, de forma sintética, toda a extensa gama de recursos selecionados ao longo de dez anos de militância neste campo.

Paralelo aos dispositivos estritamente técnicos, um instrumento extremamente valioso nos tem ajudado a controlar as deficiências de toda sorte que, passo a passo, se vão apresentando. Tal instrumento chama-se improvisação e, apesar de seu inevitável empirismo, os seus produtos têm-se-nos revelado, por vezes, surpreendentes. O exercício profissional quotidiano, ao comando de uma mesa de filmagem "quadro a quadro", no entanto, nos ensina a utilizá-la em doses controladas a fim de não incorrer no vício do desbaratamento. Um projeto de envergadura de "A GUIMARÃES ROSA" trazia-nos, intrinsecamente, a rejeição total de vícios de qualquer espécie. A improvisação - imperiosamente necessária - teve, paradoxalmente, que passar por um ajuste organizador e um crivo disciplinar. Assim é que, na composição do esquema geral de trabalho, permitimo-nos a inclusão de certos "bolsões" livres, devidamente articulados às partes restantes do filme, através das quais pudesse emergir a improvisação, colorindo e dinamizando o contexto.

A invenção e a descoberta nos acompanham sempre, facilitando-nos a filtragem da dimensão movimento por entre as imagens estáticas de que se constituía a nossa matéria de base e cuja excelência lubrificou, de forma decisiva, a tarefa.

Elementarmente, o quadro de possibilidades em filmagens de mesa deste tipo, se reduz a umas poucas variantes aproximação, afastamento, panorâmicas, fusões, rotações e reverberações de luz. Tomando à maneira de notas musicais tais variantes procurou-se combiná-las, harmonicamente, entre si, compondo uma estrutura constante com o roteiro fundamental.

O cuidadoso tratamento de montagem complementou este esforço, lapidando toda a construção. Finalmente, a música e o texto, funcionalmente em contraponto com a imagem, restituíram a esta todo o volume e vitalidade originais, temporária e parcialmente em suspensão durante o período de processamento.

Uma preocupação nos serviu de diretriz,
de princípio ao fim: fidelidade ao espírito de Guimarães Rosa. Em
que medida tal objetivo tenha sido alcançado, não nos é dado jul-
gar.

Marcello G. Tassara

Acervo Digital

Walter
da Silveira

Entrevista com Roberto Santos:

P - Características?

R - Foto documentário, branco e preto, 35 milímetros, sonoro

P - Finalidade?

R - O título explica

P - Tema?

R - Não tem. É um filme clima

P - O que é um filme clima?

R - Um filme que não pode ser contado. Precisa ser visto e ouvido

P - Direção?

R - Não tem. Ou melhor, tem e bastante. O que não tem é diretor

Explicando melhor: tem coordenador

P - Função do coordenador?

R - Estimular uma constante nova abordagem do "clima" em cada etapa da realização do filme

P - Resultados?

R - Viver é perigoso.